

LITERATURA  
PARTIDA



Fábio Figueiredo Camargo  
organização

# LITERATURA PARTIDA

Modos de ver/ler  
a literatura na  
contemporaneidade

UBERLÂNDIA - MG  
2020

SEXTO  
PALAVRA

Edição © O Sexo da Palavra - Projetos Editoriais. 2020

Consultor editora: Fábio Figueiredo Camargo

Revisor: Fábio Figueiredo Camargo

Projeto gráfico: Antonio K.valo

C172

CAMARGO, Fábio Figueiredo

Literatura partida / Fábio Figueiredo Camargo. - Uberlândia

(MG): O sexo da palavra, 2020.

290 p.; 14 X 21 cm.

ISBN: 978-65-88010-10-5

1. Crítica literária. 2. Contemporaneidade. 3. Ensaaios.

1. Título

CDD: 809

CDU: 82.09

#### CONSELHO EDITORIAL

Alex Fabiano Jardim  
Ana Maria Colling  
André Luis Mitidieri  
Andréa Sirihal Werkema  
Antonio Fernandes Jr.  
Cintia Camargo Vianna  
Cláudia Maia  
Cleudemar Fernandes  
Davi Pinho  
Djalma Thurler  
Eliane Robert Moraes  
Eneida Maria de Souza  
Emerson Inácio  
Flávia Teixeira  
Flávio Pereira Camargo  
Joana Muylaert  
Larissa Pelúcio  
Leandro Colling

Leonardo Mendes  
Luciana Borges  
Maria Elisa Moreira  
Mário César Lugarinho  
Nádia Batella Gotlib  
Patrícia Goulart Tordinelli  
Paulo César Garcia  
Renata Pimentel  
Telma Borges  
Vinícius Lopes Passos

#### CURADORIA

Fábio Figueiredo Camargo  
Leonardo Francisco Soares  
Ivan Marcos Ribeiro

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 1º de janeiro de 2009.



# SUMÁRIO

Apresentação	11
Os mínimos eus	19
Literatura contemporânea autofiquecional: o caso <i>Professor Dorothy</i> Wilken Figueredo Matos Marcus Antônio Assis Lima	21
Autoficção e descentramento em “A vida é um eterno amanhã” Débora Chaves	57
Diário Cuir: o livro das orgias do corpo Paulo César Garcia Daniel Oliveira	75
O novo decadentismo da literatura francesa: Submissão, de Michel Houellebecq Daniel Padilha Pacheco da Costa	107
A presente ausência: autobiografia e ficção Fábio Figueiredo Camargo	129
Interlúdio	153
Pierrô de Dora, Giraud e Schöenberg: linguagem poética e outras linguagens Enivalda Nunes Freitas e Souza Fernanda Cristina de Campos	155
Corpos abjetos	181
Democracia, homoerotismo e instabilidade poética: um olhar sobre a lírica do poeta contemporâneo Waldo Motta Ricardo Alves dos Santos	183
Modos de abordagem do desejo homoerótico na con- tística brasileira Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes	215
Alteridades abjetas: homoerotismo, envelhecimento & intercâmbios sociosexuais na ficção de Gasparino Damata e João Gilberto Noll Dorinaldo dos Santos Nascimento	261
Sobre autorxs	279



A large, stylized graphic of a tree branch with leaves, rendered in black and white, occupies the left side of the page. The branch starts from the bottom left and extends towards the top right, with several smaller branches and leaves. The leaves are simple, dark shapes. The overall style is graphic and minimalist.

# APRESENTAÇÃO

Os artigos que compõem esta coletânea são fruto desse tempo partido em que nos encontramos e que chamamos de contemporâneo, termo que comporta uma série de conceituações, sendo estudado por diversos pensadores das mais diversas áreas do conhecimento. Contemporâneo tanto pode ser uma questão temporal específica como algo produzido em nosso tempo presente, portanto, aquilo que nos é muito próximo, como pode designar uma temporalidade equivalente naquilo que concerne a escritores que habitaram o mundo e produziram ao mesmo tempo. Contemporâneo também pode ser, na concepção de Giorgio Agamben, em sua visada filosófica e atemporal, o sujeito que consegue enxergar em seu próprio tempo as trevas e ser capaz de, a partir de seu olhar, iluminar esse momento específico. Pode-se seguir uma datação específica sobre o que seria o objeto de arte contemporâneo, como, por exemplo, no caso de César Aira que data o contemporâneo a partir dos anos 1950, o que para outros pesquisadores pode ser pensado como aquilo que surge depois da segunda guerra mundial, no caso, a partir de 1945. Nesse ponto nos interessa apontar como contemporâneo esse espectro temporal advindo da segunda guerra mundial, bem como a ideia do desajuste, do deslocado, daquilo que está fora de lugar e que não basta um único conceito ou significante para definir.

Nesse sentido, neste livro, pesquisadores de diversas partes do país se lançam nas análises de escritores e poetas que, embora

ocupem um largo período, demonstram a contemporaneidade de suas temáticas e das preocupações da literatura e dos estudiosos da literatura com o seu tempo. Entendemos que fazer literatura e escrever sobre literatura carrega juntamente com esses atos os reflexos do tempo em que estes sujeitos existem. Assim é possível se escrever sobre todas as coisas, umas mais outras menos, dependendo de que lugar se ocupa no mundo e no tempo.

Portanto, escrever sobre literatura nesse tempo de homens partidos, de uma nação partida não poderia ser outro modo de se falar sobre a nossa fragmentação contemporânea, assim como tratar da fragmentação de teorias e de modos de pesquisar sobre os objetos literários. Desse modo inclui-se aí todas as relações da literatura com outras artes, outros modos de representação e de outros processos de escrita, assim como a fabricação do mundo através da memória, das vidas tornadas possíveis e representadas em todas as suas possibilidades e camadas. E, embora a literatura seja considerada em vias de extinção nas sociedades ocidentais, esses pesquisadores demonstram seu interesse e suas relações com essa arte já milenar. Falamos em uma literatura que trabalha com o fragmento, seja das memórias, seja dos corpos abjetos ou não, corpos de mulheres, de negros, de homossexuais e suas expressões escritas.

Essa estética do fragmento se acerca dos gêneros e formas, pois os artigos abordam desde romances, passando por contos, ou poemas fragmentários também. Espaço de subjetividades, e de produção de identidades diversas, dicções possíveis e até insubmissas, a literatura continua a se (des)organizar em tempos partidos e de homens partidos e a nos ensinar ou deleitar ensinando como olhar o mundo e a nós mesmos. Nessa era de intepetrações, impurezas e hibridizações

percebe-se nos artigos impuros deste livro que estes borram fronteiras e desmarcam territórios, cartografam espaços e percebem o mundo à sua volta pelo viés do imperfeito, do mínimo fragmento, que, como as sementes de Schlegel, acabam por produzir novos fragmentos.

Assim o livro está dividido em duas seções e um interlúdio de modo não a organizar de forma harmônica aquilo que não tem harmonia, mas (des)situar aquilo que está partido e fragmentado. Na primeira parte, intitulada “Os mínimos eus”, o artigo “Literatura contemporânea autofiqueercial: o caso *Professor Dorothy*”, de Wilken Figueredo Matos e Marcus Antônio Assis Lima, analisa um livro de contos de Luiz Fernando Braga, publicado em 2019, percebendo como a escrita do autor se faz juntamente com fragmentos mínimos de sua vida, o que não é diferente do que discute Débora Chaves, em seu artigo, “Autoficção e descentramento em ‘A vida é um eterno amanhã’”, no qual analisa como na crônica de João Ubaldo Ribeiro a produção se faz diretamente em contato com sua vida. É do fragmento que se vale a autora para chegar à conclusão de que vida e obra se misturam bem mais do que gostaria a teoria formalista e aquela de caráter estruturalista. Em “Diário Cuir: o livro das orgias do corpo”, Paulo César García e Daniel Oliveira, analisam o livro/diário de Túlio Carella, demonstrando como para o seu autor e seu alter-ego, Lúcio Ginarte, a vida só pode ser produzida a partir das máscaras, portanto da ficcionalização da própria vida para se chegar a um gozo do corpo aprisionado pela cultura patriarcal. No artigo, “O novo decadentismo da literatura francesa: *Submissão*”, de Michel Houellebecq”, Daniel Padilha Pacheco da Costa analisa como a ficção de Michel Houellebecq está interessada em perceber a França e suas fragmentações em termos políticos, identitários, culturais, de um

modo geral, e o quanto isso se faz em uma ficção que também recorta esquemas muito próximos do cotidiano de seu autor refletidos em seu alter-ego. Em “A presente ausência: autobiografia e ficção”, discorro sobre a produção da memória e como a literatura ou a poesia de poetas como Horácio Costa, Waldo Motta e Glauco Mattoso se faz com a permeabilidade constante de suas vidas em seus textos. Assim, esses artigos lidam com a autobiografia, a autoficção e a autoficção biográfica, discorrendo sobre memória e sua relação com a literatura, como modos de narrar os fatos, como modos de se repensar a escrita, como modos de se fragmentar para tentar (re)ver o humano.

No interlúdio, o artigo “Pierrô de Dora, Giraud e Schöenberg: linguagem poética e outras linguagens”, de Enivalda Nunes Freitas e Souza e Fernanda Cristina de Campos analisa como a poesia de Dora Ferreira da Silva produz uma relação de respeito à tradição assim como a rasura ao produzir um eu lírico que se considera mínimo, marcado por um dia de carnaval do passado. A análise do poema leva em consideração diversas representações da figura do Pierrô, passando por Baudelaire, Giraud, Schoenberg, Dora Ferreira da Silva e chegando ao Pierrô lunar no Brasil, de Augusto de Campos.

Na terceira parte, temos os “corpos abjetos” tratados por “Democracia, homoerotismo e instabilidade poética: um olhar sobre a lírica do poeta contemporâneo Waldo Motta”, de Ricardo Alves dos Santos, no qual a produção do poeta Waldo Motta é analisada pelo autor tendo como base a constituição do corpo do sujeito em relação com a sociedade que o produz. Em “Alteridades abjetas: homoerotismo, envelhecimento & intercâmbios sociosexuais na ficção de Gasparino Damata e João Gilberto Noll”, de Dorinaldo dos Santos Nascimento, os corpos de personagens idosos são analisados nos textos dos dois

autores citados no título do artigo, demonstrando como a literatura dos autores representa esses corpos, como reflexo da sociedade na qual estão inseridos. No artigo “Modos de abordagem do desejo homoerótico na contística brasileira”, Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes demonstra como os corpos de personagens homoeróticos são representados em contos de vários autores da literatura brasileira, cobrindo uma temporalidade que vai do fim do século XIX até o século XXI, demonstrando como esse desejo é quase sempre relegado à condição de abjeção, reflexo do tempo de produção dos contos e dos autores implicados na literatura. Assim apresentamos nosso livro partido que trata de uma literatura partida, partidária do fragmento, bem como de métodos fragmentados de análise. Boa leitura!

Fábio Figueiredo Camargo





OS  
MÍNIMOS  
EUS

A stylized, high-contrast black and white illustration of a tree branch with leaves, positioned on the left side of the page. The branch is thick and gnarled, with several smaller branches extending from it. The leaves are simple, dark shapes. The overall style is graphic and modern.

## Literatura contemporânea autofiqueeracional: o caso *Professor Dorothy*

Wilken Figueredo Matos  
Marcus Antônio Assis Lima

*“É o presente, no entanto, que me fascina /.../  
Por vezes assusta, mas seduz sempre.”  
(Beatriz Resende)*

Durante muito tempo, a crítica literária tem voltado suas reflexões para uma pretérita produção de literatura. Por um lado, essa inclinação é resultado de um filtro consolidado do que seria o cânone; por outro, há uma pretensão de tomar consciência de tensionamentos de outrora oriundos de diversos meios, instituições e contextos. Essa prática, de modo geral, visa ao entendimento dessas apreensões para um estabelecimento harmônico do/no futuro. No entanto, proceder habitualmente dessa forma pode ocasionar o apagamento das produções recentes e correntes; daí a necessidade de observarmos a literatura contemporânea.

Fazer referência a essa criação vigente significa delimitá-la temporalmente de modo adjunto, mais especificamente às obras elaboradas nos últimos decênios do século XX e os introdutórios do século XXI. Por conta disso, pensa-se que seus autores sejam